

Resumo

Este texto, um relato de experiência, busca compartilhar o processo e os resultados de uma atividade de extensão universitária envolvendo música, teatro e literatura, da qual participaram professores e estudantes da universidade, da escola de educação básica, da escola de pessoas com deficiências e da escola de música, todas localizadas em uma cidade do interior de Minas Gerais. De modo a suscitar reflexões acerca das possibilidades e dificuldades de realização de práticas como essa, o referencial teórico se sustenta nos conceitos de práticas sociais e processos educativos de Oliveira *et al.* (2014), dialogicidade de Freire (2005) e interação social de Vygotsky (1998; 2001). Na medida em que as atividades foram desenvolvidas, tanto os/a professores/as como as crianças interagiram, ensinando e aprendendo uns com os outros, encenando, cantando e tocando. Desse modo, práticas sociais envolvendo processos de construção-reconstrução de performance em artes demandam entrega, prontidão, compromisso, paixão pelo que se realiza e, principalmente, amor ao outro, baseado na confiança e esperança de que todos nós somos capazes; daí o valor da educação.

Palavras-chave

Práticas sociais. Processos educativos. Interação social. Arte.

¹ Graduanda em Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Brasil; bolsista no projeto Escrevendo do Futuro. E-mail: carolinalara2008@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil, com período sanduíche na Universidade Pedagógica, Moçambique; estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil; coordenadora dos projetos de extensão Escrevendo o Futuro e Música na APAE; coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Arte, Educação e Psicologia. E-mail: deniseafmartins@outlook.com.

“If this street was mine...”: educational processes resulting from social practices in arts

Lara Carolina dos Reis Soares³, Denise Andrade de Freitas Martins⁴

Abstract

This paper, an experience report, aims to share the process and results of a university degree extension activity, which comprises music, drama and literature, professors and undergraduates, teachers and students of basic school, of a school for people with special needs and of the music school were all part of this activity, which was developed in a small town in the state of Minas Gerais, Brazil. In order to bring up reflections upon the possibilities and hardships of carrying out such tasks, the theoretical reference lies upon the concepts of both social practices and educational processes of Oliveira *et al.* (2014), the dialogical concept of Freire (2005) and social interaction of Vygotsky (1998; 2001). According to the development of the activities, both teachers and children interacted, teaching and learning with one another by acting, singing and playing. Thus, social practices involving construction-reconstruction processes of arts performances demand involvement, readiness, commitment and passion for what is done, mainly concerning the love for others based upon trust and hope that all of us are capable, hence the value of education.

Keywords

Social practices. Educational processes. Social interaction. Art.

³ Undergraduate student in Psychology, State University of Minas Gerais, Ituiutaba, State of Minas Gerais, Brazil; scholarship holder in the Writing of the Future project. E-mail: carolinalara2008@hotmail.com.

⁴ PhD in Education, Federal University of São Carlos, State of São Paulo, Brazil, with a sandwich period at the Pedagogical University, Mozambique; post-doctoral internship at the Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; professor at the State University of Minas Gerais, Ituiutaba, State of Minas Gerais, Brazil; coordinator of extension projects Writing the Future and Music at APAE; coordinator of the Center for Interdisciplinary Studies in Art, Education and Psychology. E-mail: deniseafmartins@outlook.com.

Introdução

Na atualidade, em defesa e garantia dos direitos humanos, tomamos contato com a Tecnologia Assistiva (TA), termo usado para se referir aos diferentes objetos, recursos e procedimentos facilitadores no processo de inclusão escolar de pessoas com deficiência. Para Arruda e Castanho (2014), a inclusão diz respeito a não segregação de toda e qualquer pessoa na sociedade, independentemente da raça, cor, sexo ou idade. E no âmbito escolar, refere-se ao acesso à qualidade de ensino que os estudantes com deficiência devem ter, assim como a ampliação dos recursos necessários. Mobiliários adaptados, recursos de comunicação alternativa, acessibilidade e informática acessível, entre outros, são exemplos de TA (FACHINETTI; CARNEIRO, 2017). No entanto, além da inclusão, é importante considerar também a interação, o que demanda reconhecer as diferenças entre as pessoas e respeitar os limites de cada uma delas.

Ou seja, a inclusão pressupõe interação. Reconhecer e respeitar o outro em sua individualidade e diferença caracteriza-se como base de todo processo de aprendizagem e desenvolvimento. Vygotsky (1998, 2001) defende essa ideia como premissa básica de todo desenvolvimento humano, a ideia de que é no contato e na convivência com o outro, na interação social, que os processos educativos se desencadeiam, consolidando-se como novos saberes e aprendizagens. Dessa forma, é na interação social que os saberes já consolidados se aprimoram e novos saberes são construídos. É no contato com a realidade, na vivência, no relacionamento interpessoal, que as potencialidades de cada pessoa são desenvolvidas, tornando-se aprendizagem.

Neste relato, o objetivo é suscitar reflexões sobre a necessidade e a importância da interação social, a partir de uma atividade de extensão universitária⁵, realizada no ano de 2019. A referida atividade envolveu crianças com e sem deficiência, todas colaboradoras no processo de construção-reconstrução de uma performance envolvendo música, teatro, literatura, jogos e brincadeiras, com a finalidade de contribuir com o processo de formação e socialização dessas crianças.

Ainda, essa atividade de extensão, além de envolver diversas linguagens, contou com a participação de diferentes instituições de ensino: universidade, escola de educação básica,

⁵ Esta atividade de extensão, da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, unidade Ituiutaba, foi aprovada junto ao Comitê de Ética com número de certificado (CAAE): 01439018.4.0000.5525, sob parecer número: 3.083.790.

escola para pessoas com deficiência e escola de música, caracterizando-se em uma atividade interinstitucional e multidisciplinar. Baseada na pedagogia dialógica do educador brasileiro Paulo Freire (2005), com base na ação conjunta colaborativa, e com os objetivos de desenvolver a autoconfiança, a melhoria da autoestima e a promoção de novas aprendizagens, os participantes puderam opinar, debater ideias e ações durante a realização das atividades artísticas e musicais.

Do processo de convivência e construção de aprendizagens foi criada uma performance intitulada “Se esta rua fosse minha...”, como resultado de muitos encontros, com a ressalva da ocorrência de muitos conflitos durante a interação, porém reconhecidos como uma característica inerente à ação humana. Aprendendo uns com os outros, abertos e disponíveis, tais conflitos foram negociados, tanto social como cultural e politicamente, como observa Candau (2008). Dessa forma, nos colocamos a pensar sobre essa prática – uma prática social para Oliveira *et al.* (2014), sobre a qual as pessoas que dela participam se manifestam, expressando anseios e necessidades, satisfações e contrariedades – refletindo sobre como se deu a interação de crianças com e sem deficiência e quais foram as dificuldades vivenciadas e enfrentadas no dia a dia dessa convivência que envolveu diferentes pessoas e instituições de ensino.

Ao final, uma certeza: “Se esta rua fosse minha...” foi uma grande alegria e realização! Mostrou-se como prática social potente na promoção de novas aprendizagens para a comunidade.

Referencial teórico

Práticas sociais se referem a toda atividade humana realizada por um grupo de pessoas que decidem estar ali, por certo tempo e em determinado lugar, ou não, a partir de suas próprias vontades e necessidades (MARTINS, 2017). Os objetivos pelos quais as pessoas se agrupam entre si são dos mais diversos, dentre objetivos comuns, necessidade de afirmações, representatividades e constituição identitárias, dentre outros, sejam de natureza política, social, econômica, cultural, educativa, ambiental, recreativa, religiosa etc. Tais práticas podem acontecer nos mais diversos lugares (praças, igrejas, escolas etc.) e, em geral, as pessoas se agrupam pelas próprias vontades (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

O ato de se agrupar entre pessoas, grupos de pessoas, nações, traz em si afinidades de características, propósitos, conhecimentos, reconhecimentos, memórias, histórias, afetos, mas

também conflitos e tensões, amistosidades e animosidades, gentilezas e desafetos. As pessoas, agrupadas em práticas sociais, deslocam-se num movimento de ir e vir, de acordo com seus propósitos e finalidades. Nesses espaços, não há tempo predeterminado ou fixado para a permanência das pessoas; o movimento delas nos grupos é uma constante; não se configura como componente curricular obrigatório. As práticas sociais se constituem em atividades que demandam poder de decisão de cada pessoa, a partir do desejo e decisão de participar ou não de um grupo e dele deixar de participar a qualquer momento.

Práticas sociais podem criar raízes ou desenraizar e, até mesmo, criar outras raízes. A existência de práticas sociais se justifica pelas vontades humanas que as realizam. Como exemplo, temos atividades de corais nas igrejas, grupos de dança nas praças, jogos de futebol e fanfarras nas escolas, dentre uma infinidade de outros exemplos. Se um grupo de pessoas se reúne para desenvolver alguma atividade em comum, seja na escola ou em outro espaço, tal decisão não significa obrigação e, sim, escolha. E, em todo agrupamento humano há aprendizados, sejam considerados bons ou ruins, e desenvolvimento de saberes, constituídos por meio da coletividade. Esses saberes são os processos educativos decorrentes de toda atividade de interação humana, de tal forma que práticas sociais são potentes na promoção de novas aprendizagens.

Para Larossa-Bondia (2002, p. 24): “a experiência [é] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, [...] requer um gesto de interrupção”. Pensada como território de passagem, lugar de chegada ou espaço do acontecer, “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. Essa passividade é feita de paixão, cuja receptividade é anterior, porque a disponibilidade é fundamental e a abertura, essencial. Esse sujeito, essa pessoa, é então ex-posto⁶. Mas, participar de uma prática social também não é garantia de ex-posição. Quem se ex-põe é porque se envolveu e por isso foi capaz de participar da experiência, por isso é incapaz de experiência quem não se ex-põe.

Convivendo, as pessoas se aproximam umas das outras, deixam-se penetrar e penetram umas nas outras, constituem-se mutuamente. No entanto, requer entrega, respeito, prontidão, método, rigor e, necessariamente, os encontros-desencontros dos quais todo ser

⁶ Neste texto usamos as palavras ex-posto, ex-posição e ex-põe com hífen porque compartilhamos dos entendimentos de Larossa-Bondia (2002), de que passar pela experiência é pôr para fora a verdade, é se oferecer, independentemente dos riscos e da vulnerabilidade aos quais estamos dis-postos e abertos para enfrentar, por isso ex-postos.

humano está exposto. Por isso é necessário espírito de cooperação, co-laboração em Freire (2005, p. 156), como característica de toda ação em que predomina o diálogo entre as pessoas, as quais se encontram para a “‘pronúncia’ do mundo, [...] uma condição fundamental para a sua real humanização”, ao contrário de dominação, im-posição. Esses diferentes modos de convivência e de relações estabelecidas entre as pessoas, em uma mesma prática, podem desvelar o constituir-se de cada uma delas em meio às relações socioculturais, de onde surgirá um “eu” enquanto ser no mundo, *sendo uns com os outros*, um “eu social”,⁷ um “eu” que se abre ao mundo porque está sendo, lugar onde não há quem manda nem quem obedece.

Em Freire (2005), o fundamento da convivência humanizadora e transformadora é saber lidar com as individualidades, as quais devem ser reconhecidas nas liberdades assumidas de cada um/a das pessoas em meio à coletividade. Aquele que souber conviver verdadeiramente com essas liberdades em comunhão é pessoa com autoridade, capaz de agir e poder transformar. Assim, “somente na medida em que os produtos que resultam da atividade do ser ‘não pertençam a seus corpos físicos’, ainda que recebam o seu selo, darão surgimento à dimensão significativa do contexto que, assim, se faz mundo” (FREIRE, 2005, p. 106).

Ao pensar a escola como espaço de muitas aprendizagens, Candau (2008) traz importantes contribuições sobre a necessidade de considerar as diferentes culturas em convivência, como forma de romper com o caráter monocultural que cada instituição visa mostrar para seus estudantes. É justamente a partir das diferenças que as pessoas tentam aprender a lidar com os limites de cada um e ter reconhecimento de diversas culturas, na valorização dos saberes delas e na tentativa de promover a igualdade de oportunidades.

Nesse sentido, Vygotsky (1998; 2001) trata da importância da interação do ser humano com o meio em que vive, daí a abordagem sociointeracionista, que se refere ao processo de duas ou mais pessoas trocarem opiniões e experiências, aprendendo umas com as outras. Para o autor, a interação social, como *modus operandi* do desenvolvimento infanto-juvenil, precisa indubitavelmente do convívio. No âmbito educacional, tanto entre professores/as como entre estudantes, a interação social acontece a partir das habilidades, potencialidades e reflexos individuais. Ou seja, a interação se dá pela capacidade do ser humano em estabelecer comportamentos interpessoais e intrapessoais.

Dessa forma, práticas artísticas e musicais, realizadas com crianças com deficiência e sem deficiência, mostram-se potentes na promoção da interação social, justamente pela

⁷ Neste texto usamos a expressão “eu social” com base nos entendimentos de Paulo Freire (2005), de modo que o “eu social” se constitui nas relações socioculturais, na coletividade.

necessidade que tem todo ser humano de criar, ter novas ideias, construir novas capacidades, rompendo, assim, com os próprios limites e inaugurando outras possibilidades de ser, *sendo uns com os outros* no desejo de *ser mais*, segundo Freire (2005).

No entanto, espaços que buscam integrar crianças de diferentes origens, culturas e aptidões/condições enfrentam dificuldades justamente pelos impasses advindos do encontro desses diferentes grupos de pessoas. De um lado, crianças sem deficiência e, do outro, crianças com deficiência, o que pode ocasionar em um preconceito desse primeiro grupo em relação ao segundo. De acordo com Crochík (1996), essa resistência/medo ao diferente pode influenciar na exclusão, inferioridade e desigualdade no que é visto como diferente.

Pessoas que apresentam deficiência podem causar estranheza em um primeiro contato, visto que se situam fora dos padrões convencionados pela sociedade, a qual cultua o corpo perfeito e saudável, útil para competir no mercado de trabalho. Ao se ter empatia por uma pessoa com deficiência, pode-se experimentar a sensação de inferioridade, tendo em vista o pensamento que toda pessoa com deficiência carece de algo (CHOCHÍK, 1996).

Vale lembrar o quanto as pessoas com deficiência estão ganhando espaço na sociedade. No entanto, no dia a dia, elas encontram dificuldades nas ruas, uma vez que a infraestrutura das cidades, em geral, não supre as necessidades dessas pessoas de acessibilidade aos meios de transporte e adequação da sinalização de vias e espaços comuns. Dessa maneira, quando se têm o contato com o diferente, pode-se estabelecer (num primeiro momento) estranheza e resistência, sensações e impressões que poderão ser dissipadas na convivência, sendo uns com os outros, conforme preconiza Freire (2005).

Construção de resultados

As atividades apresentadas e discutidas neste relato foram realizadas no ano de 2019, sendo que o projeto de extensão universitária foi elaborado no final de 2018, tendo em vista a abertura de edital com bolsa para estudante e professor/a. Com base em nossa experiência e conhecimentos, desde 2007, em atividades universitárias envolvendo artes, concorremos a edital de extensão conseguindo bolsa para duas estudantes, além de uma bolsa de pesquisa para outra estudante no mesmo projeto, já que realizamos pesquisa com base nas intervenções realizadas, nas quais somos participantes colaboradoras. Não se trata de pesquisa-ação visto que, de acordo com Gil (2002, p. 55), esse tipo de pesquisa tem “o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema”, mas sim de

pesquisa participante, caracterizada “pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (GIL, p. 55-56). Além de que, “a pesquisa participante mostra-se bastante comprometida com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos e por essa razão tem-se voltado, sobretudo, para a investigação junto a grupos desfavorecidos” (GIL, p. 56).

A metodologia de intervenção iniciou-se com reuniões de negociação com as escolas parceiras para discussão e definição de datas, horários, turmas e atividades a serem realizadas, bem como a elaboração de roteiros e arranjos musicais⁸ (fevereiro e março). Os encontros para o desenvolvimento das atividades, acompanhados de registro em diários de campo com posterior análise, aconteceram semanalmente entre os meses de maio a outubro, no período matutino, além de reuniões entre a professora orientadora e as estudantes bolsistas, que se debruçaram na revisão de estratégias e ferramentas metodológicas em busca de alcançar os objetivos propostos e otimizar as atividades planejadas.

O processo de construção-reconstrução do roteiro foi um trabalho laborioso, modificado a cada encontro a partir das dúvidas, questionamentos, apontamentos de satisfação e insatisfação dos participantes do projeto, um trabalho marcadamente “co-laborativo”.

Assim, no primeiro semestre de 2019, a estudante de pesquisa se ocupou da metodologia de intervenção na escola das crianças com deficiência e Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), enquanto as estudantes de extensão se ocuparam da metodologia de intervenção na Escola Estadual Governador Bias Fortes, com crianças sem deficiência em idade entre 9 e 12 anos, matriculadas no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, Educação Integral, em cujo programa também constavam atividades em artes. Dentre as atividades, foram realizadas contação de história e oficinas de canto e desenho na escola de crianças com deficiência e oficinas de teatro (jogos e improvisação) e desenho na escola de crianças sem deficiência.

No segundo semestre de 2019, todas as crianças, cinco professoras (uma da universidade, uma da escola de música, duas da APAE e uma da escola de educação básica) e as três estudantes universitárias e bolsistas reuniram-se (encontraram-se) na escola de música uma vez por semana no período das 8 às 10 horas. Os encontros aconteceram no fosso e no

⁸ A elaboração dos arranjos musicais ficou a cargo de uma professora da escola de música, participante no projeto, cuja inspiração foram peças brasileiras escritas originalmente para piano.

palco do auditório da escola de música, local adequado e com boa infraestrutura para apresentações musicais e teatrais.

Nesses encontros, foram realizadas oficinas de música com ênfase à experimentação com instrumentos musicais (xilofones, metalofones, clavas, percussão corporal) e atividades lúdicas com base em brincadeiras infantis. As estudantes bolsistas e a coordenadora do projeto encontravam-se regularmente em outro dia e horário para o planejamento das atividades a serem realizadas. E, à medida que esses encontros aconteciam, toda a comunidade participante dava opiniões e sugeria canções, brincadeiras, literatura, gestos, movimentação no palco... até que, sem a pretensão de ser um espetáculo, foi criada a performance intitulada “Se esta rua fosse minha...”, título inspirado em uma brincadeira infantil de mesmo nome.

A maravilha dessa criação, resultado do processo de construção-reconstrução da performance, foi permeada de conflitos e dificuldades, em confirmação com Candau (2008), mas também de muitas realizações e aprendizados. Aprendemos com as crianças, com as professoras das escolas das crianças, com a professora da escola de música. Quantas vezes nos embarçamos na proposição e desenvolvimento das atividades, mas ao final do processo nos maravilhamos com toda a alegria e possibilidade de realização que o fazer artístico em comunidade oferece. Até mesmo as intercorrências deram ares de criação.

Confirmamos os dizeres de Larossa-Bondia (2002, p. 24), de que a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Fomos tocados, todos, um a um, cada qual do seu jeito. Aprendemos ao vivenciarmos todo o processo de construção-reconstrução da performance “Se esta rua fosse minha...”, cada pessoa a seu modo, experienciando o processo do seu jeito, a partir do seu ponto de vista, cada qual com suas expectativas e perspectiva do trabalho em construção. Uma realidade como essa possibilita que as diferenças sejam postas e, por isso mesmo, dialogadas, discutidas, refletidas, realinhadas em forma de ação e aprendizagem, a partir da ação refletida. Essa é a práxis de que trata o educador brasileiro Paulo Freire (2005), tão necessária a toda ação educativa e transformadora.

Diante da situação vivenciada, e tendo em vista a participação de um total de quarenta e cinco pessoas no projeto (vinte crianças e uma professora da escola de educação básica, dezesseis crianças e duas professoras da escola para pessoas com deficiência, quatro estudantes e uma professora da Universidade do Estado de Minas Gerais e uma professora do Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli Andrade), cada colaborador/a (criança, adulto) vivenciou uma experiência que foi só sua, por isso singular e pessoal. Cada um foi

tocado de uma forma, de um jeito muito próprio e particular, absorvendo e executando/interpretando falas e cenas, tocando (Figura 1), declamando, encenando (Figura 2), movimentando-se, enfim, guardando na memória contentamentos e contrariedades e, sobretudo, a realização de uma atividade em que cada pessoa exerceu papel fundamental, de ator e protagonista de sua própria experiência.

Podemos dizer que tanto para nós, autoras deste relato, e para os/as participantes, “Se esta rua fosse minha...” foi a concretização da pedagogia dialógica de Paulo Freire (2005), em forma de performance, eternizada na memória das pessoas que desse processo participaram, seja na idealização, planejamento, execução, divulgação, avaliação, seja como músico/ator ou como público, respeitadas as diferenças e possibilidades, as habilidades e desejos, bem como os limites, mas sobretudo potências de cada performer (crianças com e sem deficiência).

Muitas foram as dificuldades. De início, o estranhamento do diferente, o limite que cada pessoa possui e o processo de interação e inclusão se destacaram. As crianças que não apresentavam deficiência resistiram ao se relacionar e interagir com as crianças que apresentavam algum tipo de deficiência. Como? Recusando-se a se sentar e brincar com elas, rejeitando um abraço, resistindo ao contato físico. Seria o estranhamento do diferente já convencionalizado pela e na sociedade?

Mas, pouco a pouco, as diferenças físicas, intelectuais, cognitivas e sociais das crianças foram se estabelecendo em forma de respeito e cooperação, os limites foram colocados e as diferenças se consolidaram em uma construção conjunta, na qual cada uma das pessoas envolvidas fazia o que era possível e de seu desejo. Em meio à prática social em artes, a inclusão aconteceu logo de início, considerando-se aspectos como acessibilidade, adequação dos materiais, metodologias e espaços, enquanto a interação exigiu maior tempo de convivência e aprofundamento das relações nas atividades realizadas, principalmente com base nas dificuldades do fazer artístico coletivo. Mas por quê? Porque em artes, ou todos podem ou ninguém realiza. Tal afirmação se justifica por acreditarmos que o fazer artístico coletivo demanda a participação com realização de cada pessoa envolvida, o que requer mudança e adequação contínuas; é a voz de cada um/a.

A unidade das cenas, das brincadeiras, do texto e da experimentação com instrumentos musicais dependia (inquestionavelmente) de todas as pessoas. Demorou, mas aconteceu. Para surpresa de todos, além dos encontros e da apresentação para a comunidade (público em geral, pais, mães e responsáveis e músicos profissionais), as crianças da escola de educação básica foram convidadas para nadar e almoçar na escola para pessoas com deficiência.

Podemos dizer que a interação social aconteceu, o que confirma os dizeres de Vygotsky (1998; 2001), que processos educativos foram desencadeados “na” e “da” convivência, que as crianças tomaram contato com novas culturas e diferentes modos de ser, aprenderam a tocar instrumentos musicais, a conviver e interagir entre si (pessoas diferentes), que saberes artísticos foram instituídos, que houve melhoria e desenvolvimento da socialização e da autoestima, assim como da psicomotricidade e do autoconhecimento.

Ao longo dos encontros, as estudantes bolsistas registraram falas espontâneas das pessoas participantes, registradas em diários de campo, além de fotografias, filmagens e desenhos feitos pelas crianças sobre as situações vivenciadas. Processos educativos aconteceram, conforme autodeclararam algumas das crianças da escola de educação básica⁹, cada qual com sua experiência pessoal e com liberdade para afirmar o que gostou e o que não gostou, dentre tocar instrumento, conviver com o outro que era e é diferente, trocar ideias e propor soluções para a prática performática em construção:

Eu achei muito legal, positivo, cheio de energia e etc. Pois todos podem dar a sua opinião e tentar encaixar para fazer. Tem hora que fica chato por que as profs não deicha nos centados para descansar e hora que a gente não quer participar. Por isso que eu não gostei. (A. S., 10 anos).

Eu achei interessante. (L. G., 11 anos).

Foi otimo, maravilhoso porque nos convivemos com outras pessoas, aprendemos a respeitar todos os tipos de pessoa. E a APAI foi maravilhosa com a jente até nos chamaram para nadar e foi otimo foi muito legal principalmente quando ajente tocou piano. (J. B., 12 anos).

Eu achei legal interesante de mais é nas conheceo muitos estrumeto e eu aprendi a tocar guitarra e muito tabem nos conhecemos as pessoa da pão e nos nadamos na picina. (J. S., 12 anos).

Foi muito legal a gente brincol de corre cotia passa anel e cantamos se essa rua fosse minha e tocamos os instrumentos e o mais legal foi tomar banho de piscina com os meninos da apae e nos comemos um almoço delicioso foi, arroz, feijão, estrogonofe, e macarrão, e na ora de ir enborra nois ganho balinha da professora. dedimar e as professora mais legais e a lara, a mirella e a dedimar. (P. Q., 11 anos).

⁹ Os excertos das falas das crianças, as quais foram nomeadas pelas letras iniciais do nome e último sobrenome, foram transcritos na íntegra, mantendo-se os desvios de escrita de acordo com a forma que foram escritos por cada uma delas.

Figura 1 - Crianças tocando xilofones



Fonte: As autoras (2019).

Figura 2 – Cena da performance “Se esta rua fosse minha...”



Fonte: As autoras (2019).

Considerações finais

De acordo com a realização e o desenvolvimento das atividades descritas nesse relato, e a partir de nossas reflexões, fundamentadas principalmente nos conceitos de práticas sociais e processos educativos, dialogicidade e interação social, consideramos que os processos de aprendizagem e socialização da comunidade participante no supracitado projeto de extensão ultrapassaram a pedagogia tradicional da sala de aula.

Em meio às atividades artísticas envolvendo principalmente música, teatro, literatura, jogos e brincadeiras, pode-se observar inúmeras melhorias, dentre: socialização, respeito às diferenças, criatividade, colaboração, saberes musicais e teatrais e, sobretudo, desenvolvimento de habilidades e competências consideradas essenciais no processo de formação e constituição de identidade ao longo da vida de todo ser humano.

Com base em nossa experiência, observação e conhecimentos decorrentes de nossa atuação/intervenção junto a atividades de extensão universitária, podemos dizer que as crianças participantes manifestaram suas vontades e contrariedades, sensações, impressões e emoções com grande entusiasmo e alegria, situação confirmada pelas professoras, coordenadoras, diretoras das escolas participantes e até mesmo em forma de autodeclaração feita pelos próprios participantes.

No processo de construção-reconstrução da performance “Se esta rua fosse minha...” foi possível perceber que o trabalho foi mais consonante com as possibilidades do que com as limitações, que a barreira do preconceito ao diferente foi quebrada e, principalmente, que

práticas sociais em artes são potentes na promoção de novas aprendizagens e processos de inclusão e interação social.

Tanto o processo como os resultados nos impelem a dar continuidade a projetos semelhantes. Aprendemos muito, principalmente que os conflitos nos ensinam a ouvir (mais profundamente) os participantes, crianças e adultos, professoras de todas as escolas. É na atuação e na participação ativa ao longo dos encontros, diante da possibilidade de experimentar falas e instrumentos musicais, visitar a escola de música, conhecer novas pessoas e lugares, que processos educativos acontecem. Aprendemos também que é preciso pensar, planejar, discutir e rever, juntos, todos os procedimentos e estratégias metodológicas, nunca separadamente.

No entanto, reconhecemos que as dificuldades são inúmeras, por isso defendemos a necessidade de uma equipe multiprofissional, do envolvimento de instituições de ensino de diferentes níveis e modalidades para a realização desse tipo de atividade. Para finalizar, “Se esta rua fosse minha...” traz a marca da sensibilidade e da paixão pelo ser humano, entendidas como molas mestras de toda realização.

Referências

ARRUDA, I. V.; CASTANHO, M. I. S. Educação de jovens e adultos deficientes mentais: reflexões sobre a permanência na escola especial. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 22, n. 23, p. 59-71, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v22n23/05.pdf>. Acesso em: 23 maio 2020.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2020.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.

CROCHIK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, 1996. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 fev. 2020.

FACHINETTI, T. A.; CARNEIRO, R. U. C. A tecnologia assistiva como facilitadora no processo de inclusão: das políticas públicas à literatura. **RPGE**, Araraquara, v. 21, n. esp. 3, p. 1.588-1.597, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%20C3%A1rio/Downloads/10093-31398-3-PB.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

MARTINS, D. A. F. Projeto Escrevendo o Futuro (PEF): (re)cortando papéis, criando painéis, possíveis contribuições de uma trajetória que permanece. *In*: CARDOSO, P. A.; OLIVEIRA, K. S. O.; REZENDE, A. R. (org.). **Extensão universitária**: construção coletiva de conhecimentos. Ituiutaba: Barlavento, 2017. p. 252-270.

OLIVEIRA, M. W. *et al.* Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In*: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191 p.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 561 p.

Submetido em 8 de abril de 2020.

Aprovado em 29 de junho de 2020.